

# 100 ANOS DE HAYDÉE GUANAIS DOURADO: CONTRIBUTOS PARA A ENFERMAGEM BRASILEIRA

---

## 100 YEARS OF HAYDÉE GUANAIS DOURADO: CONTRIBUTIONS TO THE BRAZILIAN NURSING

---

## 100 AÑOS DE HAYDÉE GUANAIS DOURADO: CONTRIBUICIONES A LA ENFERMEIRA BRASILEÑA

Núbia Lino de Oliveira<sup>1</sup>  
Juliana Costa Ribeiro<sup>2</sup>  
Heloniza Oliveira Gonçalves Costa<sup>3</sup>  
Cristina Maria Meira de Melo<sup>4</sup>  
Gilberto Tadeu Reis da Silva<sup>5</sup>

Objetivo: descrever a trajetória de vida de Haydée Guanais Dourado, para reafirmar o seu lugar na história da enfermagem baiana e sua contribuição à memória da enfermagem brasileira. Método: trata-se de estudo descritivo, de cunho histórico-social baseado em depoimentos orais e documentos textuais pertencentes ao Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, livros e artigos que retratassem a história de vida de Haydée Guanais Dourado. Resultados: o resgate da história de Haydée permitiu a identificação de contornos da sua vida e trajetória profissional e contribuições à enfermagem brasileira. Destacam-se: luta na implantação da primeira Escola de Enfermagem do Norte-Nordeste do país, mobilização para levantamento das necessidades de enfermagem no Brasil e elaboração da legislação profissional. Conclusão: as lutas e ações encampadas por Haydée confirmam sua atuação para a valorização e construção da identidade profissional na enfermagem brasileira.

Descritores: História; Biografia; Enfermagem.

*Objective: describe the life trajectory of Haydée Guanais Dourado, to reaffirm her place in the nursing history of Bahia and her contribution to the memory of Brazilian nursing. Method: this is a descriptive study, of a historical and social nature, based on oral testimony and textual documents belonging to the Memory Center of the School of Nursing, Universidade Federal da Bahia, books and articles reflecting the life story Haydée Guanais Dourado. Results: the recovery of the background of Haydée permitted the identification of contours of her life and professional career and of her contributions to Brazilian nursing. Highlight: her struggle towards the implementation of the first Nursing School in the north-northeast of Brazil, her mobilization for surveying the nursing needs in Brazil and the development of a professional legislation. Conclusion: the struggles and actions adopted by Haydée confirm her performance towards the valorization and construction of a professional identity in Brazilian nursing care.*

*Descriptors: History; Biography; Nursing.*

---

<sup>1</sup> Mestranda em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Administração dos Serviços de Enfermagem (GEPASE) da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, Brasil. nubialinodeoliveira@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Administração dos Serviços de Enfermagem (GEPASE) da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, Brasil. enfa.jcr@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Administração. Professora Associada IV e Diretora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, Brasil. helo.gon@terra.com.br

<sup>4</sup> Doutora em Saúde Pública. Professora Associada III da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Líder do Grupo de Pesquisas em Políticas, Gestão, Trabalho e Recursos Humanos em Enfermagem e Saúde Coletiva (GERIR) da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, Brasil. cmmelo@uol.com.br

<sup>5</sup> Pós-Doutor em Ensino em Ciências da Saúde. Professor Titular na Universidade Federal da Bahia. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Administração dos Serviços de Enfermagem (GEPASE) da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, Brasil. gtadeucresis@uol.com.br

*Objetivo: describir la trayectoria de vida de Haydée Guanais Dourado, para reafirmar su lugar en la historia de la enfermería de Bahía y su contribución a la memoria de la enfermería brasileña. Método: se realizó un estudio descriptivo de carácter histórico y social, basado en declaraciones orales y documentos textuales perteneciente al Centro de Memoria de la Escuela de Enfermería de la Universidad Federal de Bahía, libros y artículos que reflejan la historia de vida de Haydée Guanais Dourado. Resultados: el rescate de la historia de Haydée permitió la identificación de contornos de su vida y carrera profesional y las contribuciones a la enfermería brasileña. Se destaca: su lucha en la implantación de la primera Escuela de Enfermería del norte-noreste del país, la movilización para el estudio de las necesidades de la enfermería en el país y el desarrollo del derecho profesional. Conclusión: las luchas y acciones encampadas por Haydée confirman su actuación para la valorización y construcción de la identidad profesional de la enfermería brasileña.*

*Descriptor: Historia; Biografía; Enfermería.*

## Introdução

Paralelo à comemoração dos 70 anos da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA), destaca-se o centenário de Haydée Guanais Dourado, umas das pioneiras da enfermagem brasileira e personagem estruturante para a implantação e valorização da profissão da enfermeira na Bahia. Primeira diretora da EEUFBA, destacou-se pelo desempenho de suas atividades em prol da enfermagem durante os 42 anos de atuação profissional – de 1935 (ano de sua formação) a 1977 (quando se aposentou pela Escola de Enfermagem Anna Nery).

Nesse sentido, torna-se oportuno retratar a história de uma das mulheres que trouxe contribuições significativas para o fortalecimento do campo da enfermagem brasileira<sup>(1)</sup>. Sua participação nos encontros pelo desenvolvimento da enfermagem contribuiu para consolidá-la enquanto campo profissional, sobretudo no que concerne à regulamentação do seu exercício<sup>(2)</sup>.

A relevância atribuída à memória de Haydée Guanais consiste na interpretação das suas vivências, no interesse e nos sentidos de ser enfermeira, visto que não devemos tratar os depoimentos apenas como fontes de dados, mas tornar possível partilhar com os sujeitos o julgamento que fazem sobre o passado, para, então, analisar reflexivamente sua história<sup>(3)</sup>.

Portanto, o aprofundamento da história de vida dessa enfermeira justifica-se para a construção da identidade profissional neste campo profissional, possibilitando a outras gerações ampliar o conhecimento acerca da história da

enfermagem e do legado deixado pela primeira diretora da EEUFBA, seu modo de sentir, pensar e agir<sup>(4)</sup>. O estudo da história da enfermagem constitui um campo de conhecimento indispensável para amparar a sua própria prática profissional e propiciar caminhos que possam destacar ainda mais a profissão, tornando-a cada vez mais respeitada em todos os campos da vida social<sup>(4,5)</sup>.

Haydée nasceu num período em que o trabalho feminino era limitado e iniciou sua atuação profissional quando o trabalho da enfermeira era visto como “[...] estereótipo negativo, correspondendo a padrões morais inferiores para as pessoas do sexo feminino que exerciam a enfermagem”<sup>(6:23)</sup>. Mesmo nesse contexto, buscou, durante toda a sua trajetória profissional, o apoio de segmentos sociais e políticos influentes na divulgação da nova profissão. Deste modo, destacava-se, dado que as pioneiras do novo e moderno modelo de enfermagem apoiavam-se em postura rígida, religiosa, pautada na preservação da imagem da enfermeira e na valorização de seu papel na sociedade<sup>(1)</sup>.

Desde que se diplomou, em 1935, Haydée ressaltou-se por sua atuação enquanto Enfermeira de Saúde Pública Federal pela Divisão de Organização Sanitária do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) do Rio de Janeiro. Nesse período, o Brasil passava por diversas transformações políticas, sociais e econômicas. A primeira e segunda guerras mundiais, a revogação da Constituição com o estabelecimento de um regime de exceção – o Estado Novo –,

e a redemocratização de suas instituições políticas marcaram de forma profunda o campo da saúde pública no país<sup>(7)</sup>. As políticas de saúde e o campo da Saúde Pública foram instrumentos de intervenção na vida social, com utilização destacada das Visitadoras e Educadoras Sanitárias e posteriormente com as enfermeiras.

Em razão desse contexto, o governo concentrava seus esforços na formação de profissionais que garantissem o controle sanitário dos centros urbanos, condição necessária para a continuidade do desenvolvimento industrial que se encontrava ameaçado pela miséria e pelas epidemias<sup>(8)</sup>. A saúde pública passou a ser uma preocupação do Estado e a organização do serviço de enfermagem, a cargo das enfermeiras norte-americanas, instituiu-se “[...] em sua prática acadêmico-profissional com iniciativas educacionais voltadas ao conhecimento em seu campo específico e para o contexto histórico-social em transformação”<sup>(9,90)</sup>.

A atuação das enfermeiras de saúde pública estava direcionada, na década de 1930, para a educação sanitária e a preocupação com o indivíduo, requerendo ações de higiene e cuidado que fossem realizadas por profissionais qualificados<sup>(10)</sup>. Formada nesse modelo, Haydée desenvolveu essa atividade na região Nordeste, para onde foi encaminhada com o propósito de organizar serviços de saúde. Consciente do seu papel transformador, alcançou uma carreira profissional sólida, contribuindo para “[...] alcance de uma nova condição feminina”<sup>(11:644)</sup>.

Assim, a imagem da mulher, na primeira metade do século XX, ganha espaço na sociedade com o desenvolvimento de profissões que contribuem para sua emancipação, sem significar um confronto de gênero. No que diz respeito à enfermagem, a qualificação das enfermeiras recém-formadas no interior dos hospitais e a necessidade dessas profissionais de atender às demandas nesses serviços e em outros favoreceram o desenvolvimento da profissão<sup>(12)</sup>.

Destaca-se, na atuação de Haydée, sua participação na implantação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, como sua primeira diretora, na Associação Brasileira de Enfermagem

e na Revista Brasileira de Enfermagem. O seu posicionamento frente às suas colegas de profissão e sua liderança em diferentes campos (da educação, política profissional e produção e divulgação do conhecimento) delinearão o seu reconhecimento no âmbito social. Possuía uma visão futurista da enfermagem, entendendo que deveríamos focar no cuidado da população e na educação para chegarmos à condição de país civilizado.

Diante do exposto, e considerando a relevância dessa enfermeira para os avanços da enfermagem no Brasil do ponto de vista social, cultural, ideológico e político, o objetivo deste artigo é descrever a trajetória de vida de Haydée Guanais Dourado, para reafirmar o seu lugar na história da enfermagem baiana e sua contribuição à memória da enfermagem brasileira.

## Método

Trata-se de um estudo exploratório descritivo, de cunho histórico-social, com abordagem qualitativa, que utilizou como fontes de dados os depoimentos obtidos por meio da história oral de Haydée Guanais Dourado e documentos pertencentes ao acervo historiográfico do Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (NUMEE) e do Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery (CEDOC). Os depoimentos foram obtidos por meio de entrevistas realizadas com Haydée em 1986, 1993 e 1994, respectivamente, na Escola de Enfermagem Anna Nery e em sua residência no Rio de Janeiro.

O estudo original foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, parecer n. 663.359, do qual faz parte o projeto de pesquisa intitulado “Militância Política de Enfermeiras no Estado da Bahia”.

Os documentos utilizados foram coletados no NUMEE e no CEDOC no período de março a julho de 2015. O processo de coleta nos acervos pesquisados possibilitou uma aproximação com a história de vida de Haydée e a construção de um *corpus* documental composto por imagens fotográficas, depoimentos orais proferidos por

essa enfermeira, cartas à Fundação Rockefeller e ao Serviço Especial de Saúde Pública, Atas e Relatórios, sendo excluídos aqueles que não respondiam aos objetivos do estudo.

Os depoimentos e documentos utilizados foram lidos integralmente e analisados segundo a técnica de análise de conteúdo temática, a qual possui como ponto de partida o seguinte pressuposto: “[...] a mensagem seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada [...]”<sup>(13:21)</sup>. Dessa forma, o objeto do estudo esteve centrado no relato escrito e não no sujeito ou na realidade por ele vivenciada.

O conteúdo dos depoimentos possibilitou pré-estabelecer uma matriz de análise com dois eixos temáticos direcionadores do artigo: Contornos da vida e Trajetória profissional e Contribuições à Enfermagem brasileira. Posteriormente, foi realizada nova leitura, buscando coletar trechos dos depoimentos escritos que se enquadrassem nos eixos propostos, realizada em momentos diferentes, para que se pudesse obter um olhar único para cada eixo delimitado em cada releitura das entrevistas. Com base na matriz de análise foi possível construir uma microbiografia de Haydée, ordenando os acontecimentos cronologicamente.

Da análise do conteúdo de cada eixo emergiu a caracterização de unidades de contexto e de registro. A primeira corresponde à parte mais ampla do conteúdo analisado, para que se possa compreender a codificação dada à sua menor parte – a unidade de registro<sup>(13)</sup>. Estabelecidas as unidades de registro, estas foram agrupadas de acordo com a proximidade dos seus significados e elencadas as categorias.

Para o desenvolvimento do desenho metodológico, projetou-se então à triangulação dos dados, pois “[...] quanto mais a pesquisa, ao contrário, se esforça para atingir os fatos profundos, menos lhe é permitido esperar a luz a não ser dos raios convergentes de testemunhos muito diversos em sua natureza”<sup>(14:80)</sup>.

Os dados foram interpretados com base no método da história oral de vida, possibilitando a aproximação com as vivências de Haydée Guanais, seus valores transmitidos e conceitos

apropriados por meio de suas relações sociais construídas ao longo de sua trajetória.

## Resultados e Discussão

O primeiro eixo temático permitiu vislumbrar os contornos da vida de Haydée, abordando seus atributos pessoais, antecedentes familiares, culturais e o contexto histórico do período estudado, a fim de promover maior compreensão do perfil desta enfermeira que completaria 100 anos de existência em 23 de março de 2015. Nesse contexto, retratar a trajetória de vida é um elemento que facilita o reconhecimento de uma pessoa no âmbito social, designando o seu posicionamento em uma sociedade, podendo ser construída de forma individual ou coletiva. Caracteriza-se como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa, o curso adquirido e sua estrutura pela localização dos acontecimentos e estágios do tempo biográfico<sup>(15)</sup>.

O segundo eixo temático retrata a trajetória profissional de Haydée e demonstra a experiência vivida por ela enquanto militante da política-profissional no campo da enfermagem. As articulações reveladas na trajetória pessoal e profissional de Haydée Guanais Dourado em sua maneira de agir, costumes, crenças e valores transmitidos e construídos por meio de suas relações sociais ao longo dos anos fizeram-na uma mulher diferente da sua época, munida de atitudes rígidas e convencida da importância do seu papel enquanto profissional ética e politicamente comprometida com a profissão.

### Os Contornos da Vida

Haydée Guanais Dourado nasceu em 23 de março de 1915, em Morro do Chapéu, no sertão baiano, então pertencente ao município de Irecê. Era filha de professores rurais com raízes republicanas herdadas do tio-avô que foi exilado para a África por não concordar que *bouvesse império sem educação* (Dep., 1993). Haydée e seus irmãos tiveram uma formação inicial primária pautada no estudo do livro e no discurso, presentes na prática religiosa protestante.

Estudou no Instituto Ponte Nova, no município baiano de Wagner, a 350 km de Salvador, fundado em 1906 pelo pastor e engenheiro Dr. William Alfred Waddel. Os missionários presbiterianos norte-americanos instalaram-se na fazenda Ponte Nova para cumprir o projeto civilizador da Missão Central do Brasil, que significava para eles “[...] oferecer àquela população a salvação do espírito, através dos seus preceitos religiosos, e do corpo, pelas suas instituições nas áreas educacional e médica”<sup>(16:3)</sup>.

Posteriormente à organização do Instituto, a Missão Central do Brasil instalou um complexo que incluía uma fazenda, uma escola para o então ensino secundário e normal, um hospital e um curso de enfermagem, necessários ao cumprimento de um currículo reduzido capaz de alfabetizar os adeptos e as crianças ao protestantismo, para garantir a penetração e ampliação dessa religião no país. Na época, as escolas e os colégios presbiterianos funcionavam como o que hoje se denomina de franquias e adotavam os mesmos métodos pedagógicos. A arquitetura das instituições seguia o modelo preestabelecido pela Junta de Nova York, procurando refletir a concepção norte-americana de educação<sup>(17)</sup>.

A visão educacional democrática adotada pelo Instituto à época, onde o ensino primário era oferecido não só para os filhos dos convertidos, mas a toda a comunidade sem distinção de sexo, deixou marcas tanto na religiosidade quanto na busca pela educação no padrão norte-americano, valorizados por Haydée. Esta, além de uma visão ecumênica demonstrada ao instalar-se no Instituto Feminino da Bahia, de orientação católica, enquanto diretora da EEUFBA lutou para obter bolsa de estudos e realizar pós-graduação no exterior, prática pouco comum para uma mulher da sua geração.

As raízes culturais e o gosto pela literatura brasileira foram estimulados por sua mãe, Anna Guanais de Lima Dourado, a qual estudou no renomado Ginásio Baiano de Abílio Cesar Borges, onde também estudaram Castro Alves e Rui Barbosa<sup>(2)</sup>. Conforme afirma Haydée em seu depoimento em 1993:

*[...] ainda era aquela moça interessada em escritores brasileiros. Eu vinha de um curso muito bom de professora primária, mas com um lastro muito bom do que é a nossa literatura. Quando eu vi o nome Carlos Drummond de Andrade, eu li as poesias dele num livro que eu comprei, que na homenagem do poeta Manuel Bandeira, eu disse: “Isso é uma coisa de primeiríssima origem.” Eu fui visitar, e a pessoa me anunciou e me disse: “Ponha aí o número do ofício.” Eu digo, “não é ofício, eu vim conhecer o poeta.” Carlos Drummond de Andrade conversou comigo na altura, quer dizer, ele gostou de uma moça nova (eu tinha 20 e poucos anos). (Dep., 1993).*

Em 1932, aos dezessete anos, mudou-se para o Rio de Janeiro, para estudar na Escola de Enfermagem Anna Nery, onde também estudaram suas duas irmãs – Anita Guanais Dourado e Radcliff Guanais Dourado. Haydée e Radcliff tornaram-se, posteriormente, docentes da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, num cenário de pós-primeira guerra mundial.

A dívida externa brasileira e do estado da Bahia reduziu a expansão da economia, iniciando uma fase de recessão e declínio da indústria, resultando em desemprego e reduções salariais. O cacau e o fumo, considerados como geradores de riquezas para os cofres do estado baiano, tiveram sua exportação reduzida. Este fato, associado à impossibilidade de importações, contribuiu sensivelmente para o encarecimento dos alimentos no mercado interno e conduziu aos primeiros movimentos paredistas em Salvador, o que prejudicou os créditos externos e o desenvolvimento do estado<sup>(18)</sup>.

Diante da dívida adquirida e sem capacidade de investimentos, sem capital humano para investir na indústria, a Bahia perdeu a influência política que detinha junto ao poder central no império para a classe emergente de cafeicultores que se formava no Sudeste do país. Esse declínio iniciara no século XIX, com a transferência do governo federal para o Rio de Janeiro, quando o polo de desenvolvimento do Brasil passou do Norte/Nordeste para a Região Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), marcado pela descoberta do ouro e o advento do café, “[...] marginalizando para sempre as províncias do Nordeste”<sup>(18:79)</sup>.

Entretanto, a crescente urbanização e a acelerada evolução da indústria ampliaram a participação da mulher para além das fronteiras domésticas, do matrimônio e da maternidade. O rádio foi um importante veículo de informação para a mulher sobre as transformações da vida moderna e as indústrias aumentaram as ofertas de emprego, possibilitando à mulher de classe média o trabalho fora de casa. A imprensa feminina também se fortalecia e realçava a importância e o sentido da educação<sup>(11,19)</sup>. O ensino da enfermagem seria então considerado como “[...] uma das vias de inserção da mulher na vida pública”<sup>(11:644)</sup>.

Durante o período de estudo na Escola Anna Nery, Haydée presenciou essas mudanças no contexto histórico do Brasil e da Bahia, o que foi importante na sua formação. Nessa Escola iniciaria não apenas a conformação de sua identidade profissional e a paixão pela enfermagem. As graduações posteriores em Ciências Políticas e Sociais e em Jornalismo indicaram seu interesse, raro entre as mulheres, pela política. Esta atração guiaria seus atos e deliberações sobre a profissão enquanto Presidente da Comissão de Legislação da Associação Brasileira de Enfermagem e também como Redatora-Chefe da Revista Brasileira de Enfermagem. Chegou a cursar ainda dois anos de medicina após terminar o curso de enfermagem, apenas por curiosidade em se aprofundar em conteúdos técnico-científicos antes de ir trabalhar na região Nordeste.

*Eu tinha feito dois anos de Medicina nos anos em que eu não sabia o que fazer e trabalhava no Rio de Janeiro, antes do Nordeste. Eu aproveitei o meu tempo, minha mãe dizia: “o saber não ocupa o lugar”, eu disse: Eu vou precisar, porque o curso que eu tive na Anna Nery, eu não sei funções hepáticas, eu não sei como o rim, o açúcar renal, não sei a respiração. [...] e fiz dois anos de medicina e passei, não continuei. Foi o tempo em que eu tinha o Nordeste à minha frente. (Dep., 1993).*

Para Haydée, a interpretação da conduta humana deveria tomar em consideração o contexto cultural. Quando estudante de enfermagem foi frequentadora de chás e concertos com *tickets* oferecidos por Rachel Haddock Lobo, então diretora da Escola Anna Nery, e admiradora

de outros educadores brasileiros como Anísio Teixeira. Haydée entendia a importância desse meio cultural para a construção da sua formação pessoal e profissional. Para ela,

*[...] frequentar o clube inglês ajudou os homens da terra [Bahia] que eram intelectuais, a nos verem como mulheres também, junto a eles, interessados por vários temas. Foi muito bom, isso foi muito bom. (Dep., 1993).*

Com essa base de formação política, cultural e profissional, seu engajamento na profissão de enfermeira foi determinante para o futuro do campo da Enfermagem brasileira.

### Trajatória Profissional e Contribuições à Enfermagem Brasileira

Em 1937, a Bahia vivia nova crise política, ao sofrer o golpe de estado no governo Getúlio Vargas. O então presidente, interessado em manter-se no cargo, cria o Estado Novo e o governador da Bahia, Juracy Magalhães, não o apoia, sendo destituído do governo, fragilizando a política local. Nesse período, o médico e professor da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMED), Edgard Rego dos Santos, assume o cargo de Diretor da Faculdade de Medicina e Diretor da Assistência Pública de Saúde do Estado com a proposta de dirigir o serviço estadual de pronto-socorro da capital e construir um novo hospital de pronto-socorro que atendesse à demanda dos atendimentos de emergência na capital<sup>(20)</sup>.

Entretanto, Edgard Santos é destituído do cargo antes da inauguração do hospital, devido a sua aproximação com Juracy Magalhães. Nessa ocasião, ele passa a dedicar-se à Faculdade de Medicina. Quanto ao hospital de pronto-socorro, apesar da carência de serviços dessa natureza, ficou fechado por cinco anos, sendo considerado, em sua inauguração, o hospital de referência mais moderno e completo do país<sup>(20)</sup>.

As dissidências políticas no Estado Novo não afastaram o Professor Edgard da direção da Faculdade de Medicina. Sua competência profissional e habilidade política o aproximaram do presidente até o fim da Era Vargas. Posteriormente,

o governo de Otávio Mangabeira (1946-1950), eleito democraticamente, teve amplo apoio das classes empresariais e da população, em um período pós-segunda guerra mundial de relativa tranquilidade no país sob a presidência de Eurico Gaspar Dutra<sup>(18)</sup>.

Por outro lado, o quadro econômico, social e político da Bahia encontrava-se depauperado. A miséria no interior refletia a fâlecia e a falta de condições para o desenvolvimento e também a crise urbana de Salvador, gerada pela migração de milhares de famílias tangidas para a capital em decorrência das secas e da fome que alastravam no interior baiano e nordestino. Nas primeiras décadas do século XX, os problemas sanitários e de saúde acometiam os soteropolitanos, tendo em vista as desigualdades sociais vividas pelos segmentos desfavorecidos da população<sup>(21)</sup>.

Nesta época, o governador da Bahia ficara impressionado com o que viu ao assumir o governo: a estagnação da economia estadual consequente do ritmo fraco de capitalização e a decadência da Bahia na República, associada à falta de interesse dos ricos comerciantes nos empreendimentos industriais, enquanto crescia nos estados do Sul e do Sudeste<sup>(18)</sup>. As condições de moradia, abastecimento de água, situação sanitária da população, com prevalência de doenças infectocontagiosas, era um problema com graves proporções<sup>(21)</sup>.

O diretor da FAMED tinha a convicção da necessidade de melhorias da qualidade dos serviços médicos e de saúde no estado, tendo em vista a precariedade das ações de saúde pública e hospitalares prestadas pelos hospitais à época. Nesse sentido, concentrara seus esforços, desde 1938, na criação de um complexo hospitalar que serviria de campo de ensino e prática para os estudantes de medicina e prestação de serviços de qualidade para a população baiana<sup>(20)</sup>. Reconhecia também a necessidade de profissionais de enfermagem de nível superior, conseguindo integrar ao projeto a construção da Escola de Enfermagem. O prédio da Escola começou a ser construído em 1940, sendo concluído em 1950. “Consciente também da necessidade de profissionais de enfermagem de nível superior,

consegue que, integrando o complexo de saúde do Canela, também seja criada e construída a Escola de Enfermagem.”<sup>(20:26)</sup>.

O serviço de enfermagem nos hospitais da capital – Hospital de Pronto-Socorro (1932), atual Colégio Estadual Manoel Novaes, Hospital Santa Izabel da Santa Casa de Misericórdia (1893), Hospital Santa Terezinha, Hospital Militar, Hospital da Marinha, Hospital dos Lázaros, Hospital Espanhol – era desempenhado por homens e mulheres<sup>(22,21)</sup>, prestado em sua maioria por freiras, as quais não eram capacitadas para o serviço.

Foi então que, no ano de 1944, Edgard Santos, ainda como Diretor da Faculdade de Medicina, recebeu a enfermeira que se tornaria a primeira diretora da Escola de Enfermagem da Universidade da Bahia, Haydée Guanais Dourado, juntamente com a enfermeira norte-americana Gertrude Hodgman, Superintendente de Enfermagem do Serviço Especial de Saúde Pública/Instituto de Assuntos Interamericanos (SESP/IAIA). Ambas visitaram a Faculdade de Medicina com a função de recrutar, em sete estados brasileiros, candidatas a bolsa de estudos para o curso da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, que possuíssem capacidade de liderança e docência futura. O diretor aproveitou o momento para apresentar a sua proposta de criação da Escola de Enfermagem.

*O professor Edgard Rego dos Santos era o Diretor da Faculdade de Medicina [...] eu me lembro muito bem que ele mostrou o arcabouço ainda sem revestimento de parede e sem pisos do prédio da Escola de Enfermagem. Ela já estava erguida desde 1938 [...] as primeiras fundações e tudo [...] o Professor Edgard Santos me fez uma pergunta nessa viagem – se eu poderia mais tarde, quando ele estivesse pronto para convidar, ser diretora daquela Escola da Bahia [...] (Dep., 1993).*

A necessidade da criação de uma Escola de Enfermagem na Bahia já havia sido descrita em 1942, pela enfermeira Elizabeth Tennant, do Conselho Internacional da Fundação Rockefeller, em seu relatório sobre a avaliação da situação de enfermagem no país. “O Relatório Tennant sugeriu que o Ministério da Educação e Saúde supervisionasse as escolas de enfermagem a

serem criadas por todo país e que o SESP fosse responsável pela organização das quatro primeiras escolas: no Rio de Janeiro, *Salvador*, São Paulo e Belém”<sup>(23:884, grifo nosso)</sup>.

Dois anos após, em 26 de junho de 1946, Haydée assumiu o cargo de diretora da Escola de Enfermagem na Bahia, conforme processo n. 32310/1946. A profissão da enfermeira ainda era desconhecida pela sociedade baiana, a qual entendia ser esta uma “ocupação” e não uma “profissão” que exigia estudo universitário<sup>(6)</sup>. Aliado a isso, o cuidado prestado pelas “enfermeiras” era considerado subalterno ao trabalho e às decisões do médico e não se tinha compreensão sobre o trabalho da enfermeira moderna, que se instalava no país. Caberia à Escola de Enfermagem desmistificar este estereótipo, a fim de recrutar candidatas que pudessem desenvolver a profissão emergente.

Consciente de seu papel, Haydée implantou o seu projeto político-pedagógico pautado em suas experiências profissionais e em sua formação. A EEUFBA foi a primeira Escola de Enfermagem do Norte-Nordeste brasileiro e a formação da sua primeira turma já explicitava aos profissionais médicos e à população a qualidade exigida na profissão emergente.

O aperfeiçoamento profissional obtido por ela nas escolas de enfermagem Anna Nery, do Canadá e Estados Unidos e também na Escola de Enfermagem da USP reverberou no modelo implantado na EEUFBA. Entretanto, Haydée buscou trazer os valores difundidos por essas instituições, adaptando-os à realidade cultural da Bahia, conforme ela mesma afirmou:

*Eu sabia que a interpretação da nossa conduta tem que ser segundo o contexto da cultura. De maneira nenhuma, não estava mais fácil fazer aquela legislação antiga francesa, agora era uma coisa nova, e eu vinha de uma Escola novíssima [...] De Toronto, uma das grandes Universidades do mundo. Eu vinha de uma Escola que eu queria muito fazer assim, e não só isto, porque é perigoso a pessoa conhecer uma só, porque fica sem poder deliberar, porque fica na imitação. Não é imitação, é conhecer e escolher. (Dep., 1993).*

A postura avançada adotada por Haydée Guanais retratava o perfil ético e a formação

imputada ao grupo que fazia parte da instituição, suas docentes e alunas (futuras diretoras da Escola). A trajetória de vida traçada por ela, suas concepções ideológicas e políticas, conquistadas com base em sua formação acadêmica e profissional, colocava-a em uma condição admirada não só pelo grupo docente, como também pelo discente. Adotara uma coordenação de currículo vivo, conforme ela mesma denominava.

*[...] eu exercia vigilância sobre o que era que estava acontecendo com as alunas, se estavam ativas, porque o aprendizado vem mais do aluno, ele é que tem que ficar ativo [...] eu era uma coordenadora de currículo que estava em tempo integral. Era o meu papel coordenar o currículo, eu fazia uma coordenação de currículo viva. (Dep., 1993).*

Vivenciadas as superações iniciais, a diretora da Escola de Enfermagem viveria um período conturbado na sua administração. O choque de ideias e propósitos entre Haydée Guanais e o reitor Edgar Santos levou-o a pedir à professora Edith Fraenkel que viesse à Bahia, para solicitar à diretora que pedisse demissão do cargo. Sua personalidade imprimia uma atitude de confronto ao processo de direção da Escola de Enfermagem, vislumbrado pelo reitor.

*Ele disse que eu fazia uma direção assim, sem consultar a ele, e eu não percebia isso. Também podia ser culpa minha, mas eu não percebia porque eu estava tão imbuída de que eu sabia como o meu corpo docente que, nesse tempo, já eram mais. Nós que sabíamos decidir para onde nós podíamos ir e tudo. (Dep., 1994).*

Desde que assumiu o convite para dirigir a Escola de Enfermagem da Bahia, Haydée já impunha suas condições e convicções para o cargo, que foram defendidas por ela até o seu afastamento. Dentre os confrontos vividos por Haydée frente ao Reitor, destacam-se: a exigência para que a escolha da Vice-Diretora e Chefe do Serviço de Enfermagem do Hospital das Clínicas fosse feita por ela; negação em incorporar o curso de Serviço Social à Escola de Enfermagem e a sua criação anexa à Faculdade de Medicina; a luta para participar do Conselho Universitário; a exigência para assumir a disciplina de sociologia em lugar do professor da

Faculdade de Medicina, visto que ela possuía formação em Ciências Políticas e Sociais; implantação do Diretório Acadêmico desvinculado da Faculdade de Medicina.

Ambos tinham convicção do projeto político-pedagógico que queriam implantar. O reitor Edgard Santos pretendia formar uma enfermeira que Haydée não queria formar. A imagem da enfermeira de Edgard Santos estava atrelada ao velho mundo, onde este havia se especializado. Haydée trouxera para a Bahia a visão do novo mundo. A primeira era vista de forma altruística, religiosa, subalterna e a segunda valorizava os aspectos técnico-científicos e certo grau de autonomia e saberes próprios da enfermeira.

Tais fatos levaram o grupo de professoras contratadas pela ex-diretora a segui-la no seu afastamento do cargo, significando uma transição no desenvolvimento da Escola de Enfermagem da Bahia<sup>(6)</sup>. Contudo, o trabalho desenvolvido por Haydée Guanais estabeleceu os fundamentos, os marcos estruturantes da profissão na Bahia.

Haydée saiu da Escola de Enfermagem da Bahia em 22 de outubro de 1949<sup>(24)</sup> e foi reintegrada ao Ministério da Educação e Saúde na Divisão de Organização Sanitária do Departamento Nacional de Saúde, permanecendo nesse órgão até o ano de 1951, quando foi nomeada para assumir o cargo de Superintendente do Serviço de Enfermagem da Campanha Nacional contra Tuberculose (CNCT)<sup>(2)</sup>.

Entretanto, o espírito empreendedor, autônomo e de visão futurista, que lhe eram próprios, levaram-na a assumir novos desafios. Sócia efetiva da ABEn desde 1944, no ano de 1950, sob gestão de Waleska Paixão, Haydée passou a integrar o Conselho Fiscal da Associação, assumindo diversos cargos desde então. Destacou-se como Presidente da Comissão Permanente de Legislação e Coordenadora Geral do Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem no Brasil, primeira pesquisa de enfermagem realizada no país, tendo Maria Rosa de Souza Pinheiro como Presidente da Comissão Executiva<sup>(25)</sup>.

A proposta do projeto destacou-se por sua ousadia e complexidade, tendo em vista a importância que tais dados trariam para o

desenvolvimento da profissão, necessitando, contudo, de apoio de instituições financiadoras, para que pudessem concretizá-la. Reconhecendo tal magnitude e a necessidade de suporte para assegurar o desenvolvimento do projeto, a ABEn abarcou nove instituições, representadas por pessoas influentes e de setores profissionais mais diversificados para conferir visibilidade ao projeto<sup>(2)</sup>. A Sessão Administrativa era coordenada por Haydée, a qual

*[...] desenvolvia ações de divulgação e relacionamento com o público acerca do levantamento. (Dep., 1994).*

Durante sua trajetória profissional na ABEn, Haydée ocupou os seguintes cargos: Conselheira Fiscal, Conselheira Deliberativa, Vice-Presidente (no primeiro mandato de Glete de Alcântara – 1952-1954 – e no mandato de Maria Rosa de Souza Pinheiro – 1954-1956) e Coordenadora da Comissão Permanente de Legislação (CL)<sup>(25)</sup>. Enquanto Coordenadora da CL, fez jus a sua competência profissional e articulações políticas construídas na Bahia para andamento desse novo projeto:

*Pouco tempo depois, estou aqui, na Câmara dos Deputados, fazendo o meu trabalho, que foi importantíssimo naquele tempo. A senhora pega o livro de Anayde e vê o que é que aconteceu para nós termos, dez anos depois, a classificação de Carlos Serpa e também duas coisas, a Lei de Diretrizes e Bases e a Lei de Classificação. Aí ele vai e me leva à Mesa da Câmara. Chega ao Deputado Rui Santos e diz assim: “Tudo que a D. Haydée lhe disser que é preciso fazer em lei, faça”. Faz isso para mim. Ele me abriu [...]. (Dep., 1994).*

Foi nesse período, enquanto Coordenadora da CL, que Haydée Guanais Dourado idealizou o Centro de Estudos e Pesquisa em Enfermagem (CEPEN), criado em 17 de julho de 1971, cuja aprovação ocorreu durante a Assembléia de Delegados do XXIII Congresso Brasileiro de Enfermagem em Manaus. A proposta era incentivar o desenvolvimento e a divulgação da pesquisa em enfermagem e a preservação dos documentos históricos. A proposta do CEPEN foi considerada avançada para a época, demonstrando a amplitude de suas ideias e ações<sup>(25)</sup>.

Haydée pode ser definida como uma pessoa que almejava as coisas antes da hora, que trabalhava no tempo presente com o olhar dirigido para o futuro, por algo que não existia ainda, mas que estava convencida de que existiria. As frentes de trabalho assumidas por ela contribuíram para o aumento do prestígio e o reconhecimento da ABEn e da enfermagem, influenciando o campo da legislação, do ensino e da prática na profissão.

Em paralelo a essas atividades, ocupou o cargo de redatora-chefe da Revista Brasileira de Enfermagem até o ano de 1986, além de ter-se graduado em jornalismo pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, sempre utilizando as funções ocupadas para atuar em prol da profissão. Um destaque desta atuação são os editoriais da REBEn, que buscavam mobilizar as enfermeiras em todo o Brasil (Dep., 1994).

Tais cargos possibilitaram a Haydée estar junto ao seu campo profissional nas lutas pela educação e pelo exercício da enfermagem. Integrou ainda a Comissão de Peritos de Enfermagem, que tinha o objetivo de incluir a verificação das escolas para autorização de funcionamento, reconhecimento e assessoramento em questões de ensino, e também a Comissão da ABEn, para elaboração de um Plano de Desenvolvimento das Escolas de Enfermagem e de Auxiliares de Enfermagem<sup>(2)</sup>.

Em 1968 recebeu o título de Doutora e docente livre em Ética, História e Legislação. Em 1973 integrou o corpo docente do Curso de Mestrado da Escola de Enfermagem Anna Nery, tornando-se professora titular desta Escola em 1977, onde finalizou suas atividades.

### Considerações Finais

A trajetória de vida de Haydée Guanais Dourado foi determinada por uma conjunção de elementos de ordem política, ideológica, cultural e econômica, pautada em uma formação profissional crítica e política capaz de contribuir com as transformações do contexto histórico no qual se inseria, tornando-a uma personalidade que se constituiu em um marco referencial para

a profissão. Era uma mulher para além da sua época, por não se sujeitar ou restringir ao papel tradicional atribuído às mulheres: esposas e mães. Seu lugar como enfermeira e militante manteve-se coerente com seus valores e com sua formação, nunca prescindindo da articulação política para alcançar os objetivos a que se propunha.

Os traços morais, éticos e profissionais que marcavam sua atuação profissional, designaram seu posicionamento frente às colegas de profissão e na luta pelo reconhecimento social do campo da enfermagem e da profissão da enfermeira. Como uma pessoa cuja formação era ampla e baseada nos pressupostos do Iluminismo, Haydée valorizava a exploração e utilização de múltiplos conhecimentos para fundamentar suas argumentações e deliberações.

Em suas lutas, empenhou-se na defesa e operacionalização da enfermagem em saúde pública pelo Nordeste do Brasil e na construção de um currículo “vivo” de enfermagem na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, construído com base em sua rica experiência de vida pessoal e profissional.

Falar de Haydée Guanais Dourado é destacar sua atuação em prol da institucionalização da enfermagem moderna na Bahia e da valorização da profissão no Brasil. É destacar seu papel como educadora, focada no estudante e não no currículo do papel, na integração docente-assistencial, na organização moderna do Hospital das Clínicas, com capacidade de organização e articulação política, revelada na composição da sua equipe de trabalho e no projeto político pedagógico para a Escola de Enfermagem.

Comemorar o seu centenário implica em rememorar não apenas fatos da biografia de uma personalidade pioneira da enfermagem brasileira. A história pessoal e profissional de Haydée revela como sua atuação confunde-se com a história da profissão da enfermeira, com a história da ABEn e da Revista Brasileira de Enfermagem e também com o desenvolvimento da pesquisa e da educação no campo da Enfermagem brasileira.

## Referências

1. Secaf V, Costa HCBVA. Enfermeiras do Brasil: história das pioneiras. São Paulo: Martinari; 2007.
2. Barreira IA, Baptista SS. Haydée Guanais Dourado: carisma e personalidade a serviço de um ideal. *Rev bras enferm.* 2002 jan-fev;62(3):275-92.
3. Alberti V. O projeto de pesquisa. In: Alberti V. Manual de história oral. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV; 2005. p. 29-41.
4. Moreira A, Kaminitz S, Silva CC, Porto F. Diretores, ensino e cuidado na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. In: Oguisso T, Freitas GF, Gonzalez JS. *Enfermagem: história, cultura dos cuidados e métodos.* Rio de Janeiro: Águia Dourada; 2016. p. 101-124.
5. Santiago ES, Oguisso T. Maria Rosa Souza Pinheiro: mulher, enfermeira e líder. In: Oguisso T, Freitas GF, Gonzalez JS. *Enfermagem: história, cultura dos cuidados e métodos.* Rio de Janeiro: Águia Dourada; 2016. p. 3-28.
6. Oliveira MIR. Emergência e inserção da Escola de Enfermagem na comunidade acadêmica da Universidade da Bahia. In: Fernandes JD (Coord.). *Memorial Escola de Enfermagem: 1946-1996.* Salvador: Universidade Federal da Bahia; 2001. p. 17-50.
7. Hochman G. Reformas, instituições e políticas de saúde no Brasil (1930-1945). *Educar em revista.* 2005;(25):127-41.
8. Galleguillos TGB, Oliveira MAC. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. *Rev esc enferm USP.* 2001 mar;35(1):80-7.
9. Peres MAA, Almeida Filho AJ, Paim L. Historicidade da enfermagem nos espaços de poder. *Hist enferm Rev Eletr (Here)* [Internet]. 2014 jan-jul [citado 2016 março 10];5(1):83-94. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/vol-5num1artigo7.pdf>
10. Teixeira VMN, Marques RC. Enfermeiros e saúde pública em Belo Horizonte: combatendo doenças e educando para a saúde (1897-1933). *Educar em revista.* 2014 out-dez;(54):37-54.
11. Oguisso T, Campos PFS, Santiago ES. Maria Rosa Sousa Pinheiro e a reconfiguração a enfermagem brasileira. *Texto contexto enferm.* 2009 out-dez;18(4):643-51.
12. Santos TCF. A enfermagem e o progresso social do Brasil. *Esc Anna Nery.* 2008;12(1):12-8.
13. Franco MLPB. *Análise de conteúdo.* 4ª ed. Brasília: Liber Livro; 2012.
14. Bloch MLB. *Apologia da história ou o ofício de historiador.* Tradução André Teles. Rio de Janeiro: Zahar; 2001.
15. Born C. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. *Sociologias.* 2001;3(5):240-65.
16. Nascimento EFVBC. O projeto civilizador presbiteriano na Chapada Diamantina. Trabalho apresentado no IX Simpósio Internacional Processo Civilizador; 2005 nov. 24-26. Ponta Grossa, Paraná, Brasil. [Citado 26 out 2015]. Disponível em: [http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos/mesa\\_debates/art11.pdf](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos/mesa_debates/art11.pdf)
17. Vilas-Boas EF. A influência da pedagogia norte-americana na educação em Sergipe e na Bahia: reflexões iniciais. *Rev bras Hist Educ.* 2001;2(38):23-53.
18. Spinola ND. *A trilha perdida: caminhos e descaminhos do desenvolvimento baiano no século XX.* Salvador: Unifacs; 2009.
19. Campos PFS. História social da enfermagem brasileira: afrodescendentes e formação profissional pós-1930. *Rev Enferm Ref.* 2012 mar; III Série (6):167-77.
20. Barbosa MLA. Edgard Santos (1946-1961). In: Toutain LMB, Barbosa MLA, Varela AV (Org.). *Reitores da UFBA: de Edgard Santos a Naomar de Almeida Filho.* Salvador: Edufba; 2011. p. 17-48.
21. Silva MELN. Cidade tísica: a tuberculose em Salvador nas primeiras décadas do século XX. *Anais do 5º Encontro Estadual de História Anpuh/BA: História e Memórias: lugares, fronteiras, fazeres e políticas.* 2ª ed. Salvador; 2010. p. 1-9.
22. Mott ML. Revendo a história da enfermagem em São Paulo (1890-1920). *Cad Pagu.* 1999;(13):327-55.
23. Campos ALV. *Cooperação internacional em saúde: o serviço especial de saúde pública e seu programa de enfermagem.* Ciênc saúde coletiva

- [online]. 2008;[citado 2015 nov 20];13(3):879-88. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232008000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000300010)
24. Vilas Boas MJC. Diário dos primeiros anos da Escola de Enfermagem da Universidade da Bahia. Salvador: NUMEE; [19--].
25. Carvalho AC. Associação Brasileira de Enfermagem, 1926-1976: documentário. Brasília: ABEn Nacional; 2008.
- Artigo apresentado em: 30/11/2015  
Aprovado em: 4/4/2016  
Versão final apresentada em: 15/4/2016